

LUGAR DIFERENTE

Uma vida de interior em plena Lagoa

Jockey Club Brasileiro mantém três vilas hípcas nas quais moram 500 pessoas, poucos carros circulam e todos se conhecem pelo nome

FÁBIO TEIXEIRA
fabio.teixeira@oglobo.com.br

Numa certa localidade da Zona Sul, todo mundo levanta cedo. Às 5h, os cerca de 500 moradores já estão trabalhando. A rotina não é ditada por eles, mas por cavalos — a razão da existência das vilas hípcas Tattersal, Lagoa e Hípica, que ficam dentro do Jockey Club Brasileiro. Algumas famílias vivem há várias gerações em parte das 103 cocheiras, nome um pouco estranho dado a casas amplas, a maioria com dois andares, situadas numa das áreas mais nobres da cidade, em frente a Lagoa Rodrigo de Freitas. O lugar, onde carros pouco circulam, mais parece uma cidadezinha rural.

— Aqui, o clima do interior está preservado — diz, orgulhoso, o treinador de cavalos José Queiroz, que há cerca de 50 anos mora numa casa, de quatro quartos, que divide com um filho.

PROIBIDO FAZER BARULHO

Quase todo morador tem bicicleta, pois, das 6h às 9h e das 15h às 18h, veículos motorizados não podem circular. Nesses horários, o asfalto é só dos cavalos. E barulho não é permitido: eles precisam de paz. Queiroz trabalha com cavalos desde os 15 anos, quando chegou ao Jockey. Ele começou como a maioria: era cavaleiro. A profissão é uma espécie de faz-tudo dedicado inteiramente a cavalos.

— O cavaleiro é o cara que vai reparar em qualquer problema do animal e informar o treinador. Se o animal tossir depois de uma corrida, muita gente pode achar que não é nada, mas o cavaleiro fica atento, pois sabe que pode ser indicio de uma hemorragia — explica ele.

Num lugar em que todos se conhecem pelo nome, Queiroz é famoso por contar histórias. Ex-jóquei, ele acumulou 18 fraturas e cerca de 1.600 vitórias. Como quem não quer nada, mostra uma sela empoeirada no depósito de sua cocheira. Nela, uma inscrição: J. B. Figueiredo. Segundo Queiroz, João Baptista Figueiredo, o último presidente do regime militar, era um visitante habitual das vilas do Jockey.

— Ele sempre vinha aqui com sua esposa, Dona Dulce — conta.

UM TOTAL DE 236 CAVALARIÇOS

De acordo com a administração das vilas, dos cerca de 500 moradores, 236 são cavaleiros. Eles cuidam de 1.036 cavalos. Apesar de serem contratados diretamente pelos treinadores, esses trabalhadores precisam passar pelo crivo da direção.

— Aqui só entra ficha limpa — afirma Altair Amorim, assistente administrativo das vilas e ex-cavaleiro. — Se o sujeito tiver cometido algum crime, não poderá trabalhar aqui, por mais que seja amigo do treinador ou mesmo que o proprietário da cocheira seja alguém importante.

Comparando com outros moradores, o cavaleiro Cláudio Brandão, de 34 anos, tem pouco tempo de casa. Mora numa cocheira desde 2007. Sua maior preocupação, hoje, é a égua Chispa Fora, uma das cinco que está sob seus cuidados. Na semana passada, ela fraturou a pata traseira esquerda num treino.

— Chispa Fora passou por uma cirurgia. Agora, tenho que ficar o tempo todo atento, trocando bandagens — diz.

Mineiro, Brandão só vê uma desvantagem na vida que leva no Rio: ao contrário dos treinadores, os cavaleiros não podem levar a família para morar no Jockey. Isso eleva, em muito, a população de homens solteiros no lugar. Muitos desistem do emprego e voltam à terra natal — geralmente,



Tranquilidade. No meio da tarde, cavaleiros saem para passear com os cavalos pelas ruas da vila: carros não circulam nesse horário



Placa. Uma porta estilosa da vila

o interior de Minas ou da Bahia.

Por outro lado, os cavaleiros não pagam contas de serviços públicos. O jóquei e treinador César Gustavo Netto, de 40 anos, chama a atenção para uma outra vantagem de quem mora nas vilas. Seus filhos, Hana, de 9 anos, e Ricardo, de 10, têm acesso a uma instituição de ensino de qualidade: a Escola do Jockey Club Brasileiro. Como moradores, eles têm vagas garantidas.

— Cheguei aqui com 12 anos. Na época, havia até criação de galinhas. É um privilégio poder sair do trabalho e ir até a Lagoa tomar água de coco — diz Netto.

Mas a vida nas vilas hípcas não é totalmente livre de tensão. Em 2010, por exemplo, houve o risco de as casas serem lugar a um centro comercial, como

planejou um ex-presidente do Jockey Club. O projeto, orçado em R\$ 650 milhões, nunca saiu do papel e foi enterrado de vez em 2011. Naquele ano, o prefeito Eduardo Paes também baixou um decreto tombando as vilas hípcas.

Marcella Borioni, de 53 anos, faz parte de uma das famílias mais antigas do lugar. Casada com um treinador, ela considera que há uma cultura a ser preservada ali.

— Dizem que quem vive aqui tem estrume de cavalo no sangue. Afeta até o jeito que a gente fala. Quando algo está fácil, dizemos que é uma "barbada". Muita gente tem, até hoje, dificuldade de chamar a cocheira de casa — brinca Marcella. ●

A gente acredita que projetos sustentáveis podem fazer do mundo um lugar melhor para todos.

Deixar o mundo melhor é mais do que fazer programas de sustentabilidade aqui e ali: é ter uma postura sustentável. Por isso, a gente investe em projetos com potencial para fazer você e todo mundo aproveitar mais o nosso planeta.

Se você também quer um mundo melhor, está junto com a gente. E pode saber mais sobre nossa atitude sustentável em ambev.com.br



ambev



juntos por um mundo melhor